

A exemplo da edição de *Travessia*, Ano XXXII, nº85, esta edição traz textos que estabelecem um diálogo com a obra de Abdelmalek Sayad, pesquisador fundamental nos estudos sobre o fenômeno migratório, e sobre as realidades sociais, culturais, políticas e econômicas dos migrantes como protagonistas desse fenômeno.

Na verdade, a presente edição de *Travessia* traz dois dossiês e três artigos que, aparentemente, considerando o seu conjunto, não dialogam entre si. Mas, no fundo, o leitor perceberá que há uma ideia geral, espécie de coluna dorsal que os perpassa e apresenta questões teóricas e metodológicas, como mobilidade humana, colonialismo, política. Isto é, formas de trazer à tona e compreender questões centrais - quase sempre invisibilizadas e, assim, mantenedoras de relações de poder - que permitem abordar as realidades dos migrantes e os processos sociais que os produzem, mas que também são produzidos por eles; que os marginalizam, mas também das suas resiliências e capacidades organizativas.

No dossiê Abdelmalek Sayad, os trabalhos debatem uma perspectiva teórico metodológica que agrega à perspectiva econômica outras chaves de análise como a questão colonial, étnica, racial, cultural e psicológica, antes negligenciadas, mas centrais para a percepção dos processos de marginalização, para a compreensão das capacidades de resiliência, agência e organização dos migrantes.

Os respectivos textos de Miles Reding (*Colonização de ontem e imigração de hoje: crítica pós-colonial de Abdelmalek Sayad ao Estado-nação*); Sidi Mohammed Mohammedi (*A revolução copernicana de Abdelmalek Sayad*) fazem ecoar as ideias, conceitos e metodologias utilizados por Sayad no debate com a academia francesa. Como sociólogos franceses percebiam e interpretavam a relação entre imigração, Estado e República? Como Sayad percebia e interpretava essas mesmas questões, agregando a elas a questão colonial que, para ele, continuava a orientar o Estado e a República franceses determinando, em boa medida, o corolário das políticas migratórias e incentivando formas de comportamento social anti-imigrantes. Além disso, Sayad aponta para o silêncio da academia em relação à questão colonial e os seus reflexos perniciosos na política migratória, bem como no comportamento social anti-imigração na França. O texto de Liria Maria Bettiol Lanza e Julia Ramalho Rodrigues (*O acesso ao trabalho de imigrantes na Região Metropolitana de Londrina-PR: divergências e convergências*) busca identificar divergências e convergências, na perspectiva dos migrantes, sobre o acesso ao trabalho na região metropolitana de Londrina-PR, destacando elementos de discriminação e negação de direitos expressos em regras institucionais e informais que mediam o acesso, a permanência e as possibilidades de mobilidade social a partir da inserção no mercado de trabalho.

O dossiê Migrações e saúde também traz questões de teoria e método - apresentando sujeitos migrantes invisibilizados, muitas vezes convertidos em população em situação de rua; trabalhadores que “andam pelo mundo” – e contribui para o debate sobre conceitos clássicos como o de “fluxo migratório”. Além disso, esse dossiê traz questões sobre saúde, trabalho, moradia, resiliência e agência dos migrantes, expressas, muitas vezes e não sem contradições, nas redes de migrantes e nas redes informais de proteção social mobilizadas por eles. Os textos de Berenice Young (De migrante para migrantes: o caso do serviço psicossocial da Missão Scalabriniana da Paz); Danielle Davanço e Nivaldo Carneiro Junior (Política pública de saúde à população em situação de rua: trajetória dos modos de sua organização na cidade de São Paulo); e Érico Francisco Vieira Ibiapina (Saúde e migrações internacionais bolivianas no Brasil: revisão integrativa de literatura) abordam desde questões que perpassam posturas fenomenológico-existencial que orientam práticas profissionais de saúde com determinados grupos, passando por uma “psicologia da migração”; organização do processo de atenção à saúde para a população em situação de rua na cidade de São Paulo, no contexto do SUS, sendo que parte dessa população tem trajetórias e experiências na migração; até o mapeamento de trabalhos sobre a composição do campo de estudos sobre a relação entre saúde e migrações bolivianas contemporâneas no Brasil, a partir do método de revisão integrativa de literatura.

Já os respectivos artigos de Lidiane M. Maciel e Gisele Maria Ribeiro de Almeida (As potencialidades da perspectiva qualitativa nas pesquisas sobre as identidades sociais e os projetos de mobilidade); Fernando Neira Orjuela (A presença de imigrantes caribenhos em condição de irregularidade em São Paulo); e Caio da Silveira Fernandes (Regularização migratória e segurança: a criação do acordo sobre “Residência do Mercosul”) abordam questões específicas entre si, como potencialidades e desafios do uso de entrevistas qualitativas e descrições etnográficas como ferramentas de apreensão das realidades dos migrantes; caracterização de migrantes caribenhos em condição de indocumentação na cidade São Paulo; e indagações sobre possibilidades de mudanças de concepção no trato da migração internacional na América do Sul no início dos anos 2000, ou a manutenção do paradigma de segurança nacional agasalhado em novas roupagens políticas. Uma questão pertinente é “como o Mercosul se tornou o centro desse debate”?

Ademais, esses artigos também apresentam problemas teóricos e metodológicos que possibilitam mergulhar mais fundo, seja nas relações institucionais seja nas relações de sociabilidade cotidiana que expressam mudanças nos processos migratórios e o seu consequente desafio à formulação de novas metodologias e conceitos que consigam captá-las, interpretá-las e apresentar suas mudanças e continuidades.

A arte da capa, criada por Sérgio Ricciuto Conte, propõe, nas palavras do próprio artista, uma “composição sobre o ser humano migrante. Possibilidades e barreiras. Muros que se tornam galhos, espaços micro e macro. A arte é evocativa da vida como cardápio de descobertas e saudades”. Trata-se das ambivalências, contradições, desafios e esperanças vivenciadas pelos migrantes como sujeitos cada vez mais necessários à produção de riquezas materiais e culturais, mas negados como pessoas de direitos na sua condição humana. Mesmo em um solo calcinado pela hegemonia do capital e as suas indústrias do descarte, trata-se de utopias que alimentam e inspiram a produção de novos conhecimentos e saberes; trata-se de uma síntese das diversas formas de lutas por reconhecimento e justiça social que podem denunciar as velhas e novas formas de opressão e também afirmar o protagonismo dos migrantes e possibilidades de novas histórias, novos personagens, novas práticas, novo ordenamento jurídico e social. Boa leitura!